

Greta

Uma manhã, Greta Herskovitz olhou para os sapatos do seu marido e viu com uma nitidez chocante que o iria deixar. Eram uns sapatos de atacadores, castanhos e austeros. Greta calçava uns sapatos de crocodilo rasos e pontiagudos. Lee tinha vinte e oito anos, a mesma idade de Greta, um metro e oitenta, cabelo loiro, ombros poderosos e uma cintura esbelta. O rosto era marcado pelas bexigas, mas ficava-lhe bem. Desde que acabara a licenciatura, Lee trabalhava como verificador de factos para a revista *The New Yorker* e tentava a custo acabar uma dissertação de mil e cem páginas acerca de dois relatos na primeira pessoa de expedições ao Ártico no século XIX, e de como eles reflectiam a sociedade vitoriana. Em especial o canibalismo. Lee era um homem calmo e gentil. Greta sabia que se alguma vez deixasse de a amar, ele faria terapia para solucionar esse problema. Mas ela não tinha contado com o seu próprio sucesso.

Certo dia, mais ou menos um ano antes do momento dos sapatos, ia Greta pelo corredor da venerável mas decrépita editora Warren and Howe calçando um par de sapatos baratos de salto alto, transportando uma desarrumada pilha de sete ficheiros, cada um deles com uma receita diferente para arroz-doce. Naquela altura estava a editar um livro de Tammy Lee Ferber chamado *Trezentas e Sessenta e Cinco Maneiras de Cozinhar Arroz*. Aaron Gelb, o lendário editor-chefe da Warren and Howe, um homem sensato e triste com enormes olheiras sob os seus olhos castanhos e um discurso lento, pessimista e divertido, chamou-a do seu gabinete:

«Menina Herskovitz, importa-se de vir cá, por favor?»

Greta virou-se, alarmada. Tinha vestido um fato castanho justo com uma saia que ficava alguns centímetros acima do joelho e perguntou-se se não seria de mais. Ao entrar, o Sr. Gelb sentou-se na sua secretária, colocou a cabeça nas mãos, a sua postura habitual quando pensava. Greta sentou-se à sua frente. As suas meias de *nylon* roçaram uma na outra quando cruzou as pernas. Preocupada com a possibilidade de a sua saia parecer obscena, deu-lhe um pequeno puxão. O Sr. Gelb deslizou os óculos para o topo da cabeça, esfregando os olhos durante muito tempo e suspirando. Depois olhou pela janela:

«Thavi Matola quer almoçar consigo», disse ele.

Thavi Matola era o escritor mais em voga da sua geração. Tinha trinta e três anos. A editora de Greta queria muito tê-lo. Falavam ao seu agente, tentavam chegar

a ele através dos seus amigos. *Blue Mountain*, o seu primeiro romance, contava a história de amor de Bounmy, um prostituto do Laos, e um empregado de uma bomba de gasolina chamado Rory. Ganhara o prémio PEN Faulkner e vendera meio milhão de exemplares.

«Comigo?», perguntou Greta.

«Telefonou-me e disse que ouvira dizer que tínhamos cá uma excelente editora. E era a menina.» Greta nunca editara mais do que livros de cozinha. «Tem alguma ideia do que o levou a dizer isso?»

«Talvez goste de cozinhar», disse Greta. O Sr. Gelb sorriu levemente.

«Se o almoço correr bem, ele vem para a Warren and Howe. Se não, irá oferecer a sua psique ferida a outra editora.»

«Uau», disse Greta. «Isso é mesmo estranho.»

«Quinta-feira à uma hora no Senate», disse Gelb, abrindo uma gaveta e tirando um grande tubo de pastilhas para a azia. «Vá de calças.» Greta levantou-se. Quando já ia na porta, Gelb disse, «Vá como quiser. Que sei eu.»

Ela fechou a porta. Pobre Sr. Gelb. Foi direitinha à sapataria mais cara de que tinha ouvido falar e comprou os sapatos de crocodilo com o seu cartão de crédito. Nem por sombras se podia dar a esse luxo, mas precisava de se sentir merecedora, de se sentir uma profissional.

No dia do encontro vestiu um fato vermelho com uma saia relativamente curta — logo acima do joelho. Era um dia de Primavera fresco e claro. Chegou vinte

minutos adiantada, por isso foi até ao Museu de Arte Moderna e passeou pela loja do museu repleta de produtos com o olhar fixo de uma sonâmbula, com pequenas descargas de ansiedade a estalar no estômago, até faltarem três minutos para a uma. Depois foi a correr para o restaurante, sentou-se na mesa do canto que tinha sido reservada pela secretária do Sr. Gelb, e tirou o bloco de notas para parecer ocupada. Dentro dele estava uma lista de compras: bananas, clementinas, papel higiénico, arroz, pilhas, tampões. Olhou para cima e ali estava Thavi Matola.

«Greta Herskovitz?», perguntou ele.

«Sim... oh, olá.» Greta levantou-se, ajustando a fita do cabelo. Sentiu-se apanhada desprevenida. Devia ter estado à espera dele. Thavi sentou-se. Era magro, com ar andrógino, pele suave e castanha e cabelo curto encaracolado. Greta lembrou-se que a mãe dele era do Laos. O pai era um soldado Italo-americano, falecido. Refugiados. Vida dura. Três irmãs, duas tinham ficado para trás, no Laos, por causa do Governo de lá.

«Adorei o seu primeiro livro», disse ela.

«É uma merda», respondeu Thavi com um ligeiro sotaque, acendendo um cigarro.

«Parece-me uma reacção bastante habitual», disse Greta.

«O que é habitual?»

«A aversão a nós mesmos.» Uma pequena convulsão de divertimento fez o fumo sair pelo nariz de Matola; fixou o seu olhar em Greta como um miúdo surpreendido por ouvir um estranho chamá-lo pela sua alcunha.

Greta sentiu os seus músculos descontraírem-se. «A massa aqui é boa», disse ela, depois pediu bife com batatas fritas. Thavi teve outra convulsão, o ar saindo num silvo pelas suas narinas, lábios firmemente cerrados. Abriram uma garrafa de vinho. Greta não costumava beber ao almoço, mas percebeu que ele queria, por isso deixou-se levar, tentando não ficar com o espírito entorpecido.

«De que trata o novo livro?», perguntou Greta. «Se é que não se importa de falar nisso».

«Laos», disse ele. «A viagem para cá. Estava sozinho.»

«Deve ter sido assustador», disse Greta. «Que idade tinha?»

«Treze», disse ele

«Já escreveu muito?»

«Mais ou menos cem páginas. Não devia ser eu a fazer perguntas?»

«Não sei», disse ela.

«Qual é a sua história?» perguntou ele.

«Manhattan, nasci em Manhattan, andei na Flemming School, na parte alta... uma pequena escola privada, está a ver... e depois fui para o colégio interno, depois para a universidade, depois para a Faculdade de Direito, mas desisti... o meu pai é advogado, não nos falamos, a minha mãe... bem, morreu. Estão divorciados. Ou antes, estavam. Tenho vinte e oito anos. O meu pai tem uma filha de três anos.» *Meu Deus, por favor, faz com que eu me cale*, pensou ela. Trouxeram-lhe o bife e ela atirou-se a ele com vigor.